

# **A MENTIRA SAGRADA**

de Luís M. Rocha

Este livro é dedicado a

**Ioannes PP. XXIII**

**Angelo Giuseppe Roncalli**

**25.XI.1881**

-

**3.VI.1963**

E também a

**Ben Isaac<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Nom de plume

**1ª PARTE**

***AD MAIOREM DEI GLORIAM***

*Foi o acordo possível.*

João XXIII, 20 de Novembro de 1960

*Instruam todos os confidentes para que vo-lo apresentem na primeira noite de cada eleição. Que a sua leitura seja o primeiro acto oficial de todos os herdeiros de Pedro. É de importância vital que tomem agnição deste segredo. Guardem-no em local esconso e não permitam que seja lido por mais alguém. Qualquer quebra neste ritual, nos próximos séculos, poderá significar o fim da nossa tão bem amada e estimada Igreja.*

*Clemente VII, 17 de Junho de 1530*

**1**

**Vaticano**

**19 de Abril de 2005**

Foi por deliberação do Altíssimo, e não haja hesitações sobre isso, que o filho de Maria mudou o nome de baptismo. Ela havia de gostar de o ver coroado Imperador da Igreja Católica Romana em que tanto cria, descendente directo, num sentido simbólico, da linhagem de Cristo, ou talvez os defuntos saibam mais que os humanos vivos, lá no além para onde o pó vai.

O certo é que ficará gravado para todo o sempre, ou enquanto existam memórias, da canónica nomeação do cardeal Joseph Alois Ratzinger, neste dia de Abril, terminando com a Sede Vacante que vigorava desde o dia 5 do mesmo mês.

Assim que Sodano, o Vice-Decano do Colégio Cardinalício, perguntou da sua aceitação para o lugar que Deus seleccionara, ao final da quarta votação, não levou um segundo a pronunciar *Aceito*. E os cinco segundos que levou a responder *Papa Bento* à pergunta *Por que nome deseja ser tratado?* também evidenciou preparação preambular. Não olvidemos que Ratzinger era o Decano do Colégio, ou seja, aquele que teria de fazer estas mesmas perguntas ao eleito, não tivesse sido ele o escolhido. Não deixava de ser curioso, num aparte tão-somente elucidativo, que noventa por cento dos memoráveis

antecessores, deste Bento, tenham preferido um nome divergente daquele que a mãe lhes deu.

Os fiéis conglomeravam-se na Praça de São Pedro na esperança que o fumo fosse branco, enfusado pela pobre manutenção, ao invés do cinzento-escuro que era, de facto. Poucos dos presentes lembravam o primeiro e segundo conclaves de 1978 em que também aconteceu idêntico problema. Nove milhões de euros para organizar um conclave e esqueciam-se sempre de limpar a maldita chaminé da Capela Sistina. Porém, após dez minutos de expectativa e algumas desistências, os sinos da Basílica troaram com frenesi como num rebate louco por socorro, alastrando sorrisos, em vez de pavor, por toda a praça e arredores.

Tínhamos Papa.

Dentro da benta capela, os irmãos Gamarelli ajeitavam as vestes papais ao corpo do novo pontífice. Não houvera qualquer surpresa desta vez. Venceu o candidato provável. Era sempre mais fácil quando o Papa anterior deixava expressa a sua vontade. Já João XXIII o fizera quando nomeou, no seu leito de morte, o cardeal Giovanni Montini, para seu sucessor. No caso do polaco Wojtyla a decisão havia sido tomada com maior antecedência, alguns meses, ainda que este já o viesse anunciando, particularmente, há cerca de dois anos. Jamais se deixe de fazer a última vontade de um moribundo, ainda para mais em se tratando de alguém com uma relação tão próxima com o Criador. Quem deixava a decisão nas mãos do espírito santo sujeitava a Igreja a surpresas como as do Papa Luciani e do próprio Wojtyla, ainda que, muito provavelmente, o patriarca de Veneza tivesse grandes hipóteses de ser nomeado por Paulo VI se ele o tivesse feito.

Sodano não podia estar mais feliz. A sua amada Igreja permaneceria em segurança. Ratzinger, pois aos amigos dispensa-se o protocolo canónico, era o homem certo no lugar certo. Ninguém faria melhor trabalho.

O chileno Jorge Medina Estévez foi o primeiro a assomar à varanda perante o júbilo da multidão. O novo salvador estava prestes a ser anunciado à urbe e ao orbe extasiado, suspenso numa informação, num nome, num homem.

O décimo sexto Papa com o nome Bento foi apresentado à história. Ninguém jamais o poderia apagar, nem que reinasse um dia só.

Ratzinger rendeu-se totalmente a esta nova personalidade por si criada e cumpriu o papel com distinção. Já não era o prefeito da congregação para a doutrina da fé, já não era cardeal, era uma instituição com brasão próprio e segurança pessoal. Proferiu o curto discurso, elaborado de véspera, onde lembrou, inteligentemente, o Papa polaco, tão benquisto. Abençoou a cidade e o mundo, católico, bem entendido, dos outros que rezassem os homólogos, e retirou-se a fim de tomar posse de todas as propriedades.

A partir desta hora, respondia por um império valioso, incomensurável. Levaria meses a inteirar-se de todos os haveres, pelo menos, daqueles aos quais lhe dariam conhecimento. Dos outros... nem mesmo o Sumo Pontífice poderia saber tudo aquilo de que era dono, nem convinha.

Enquanto o mundo rejubilava e retransmitia, vezes sem conta, a imagem deste Bento a surgir na varanda de Maderno da Basílica de São Pedro, a saudar a multidão, em todos os televisores, carimbando, de vez, para a posteridade o histórico acontecimento, uma extensa comitiva, já noite cerrada, encabeçada pelo próprio Pastor dos Pastores, iniciara outro ritual mais privado. O camarlengo Somalo quebrou os selos que lacravam os apartamentos papais, no palácio apostólico, e abriu as duas imponentes portas, antes de recuar, reverentemente, para deixar passar o escolhido de Deus. Tinha

de ser o elegido a entrar nos seus futuros aposentos antes de qualquer outro, numa afirmação tomada de posse do que era seu. Assim que Bento deu o primeiro passo para o interior daquela que seria a sua última residência, foi seguido por um séquito de assistentes, religiosos e leigos, que teriam o privilégio de servir todos os pedidos do novo dono.

Depois de um dia tão cansativo era a hora do jantar tardio. Atendeu-se alguns telefonemas de felicitações dos chefes de estado mais importantes que, mandava a diplomacia, mereciam um agradecimento pessoal. Aos outros bastava uma mensagem por escrito enviada aos dignitários das embaixadas. Ninguém queria deixar de felicitar o novo Papa, mas, se por algum acaso, alguém o olvidasse, seria tratado reciprocamente, porque isso da humildade e do dar a outra face deixava-se para as ordens religiosas que, de facto, entendiam praticar tais benevolências, ou para Cristo. Em política não há lugar à piedade.

Adentrou no gabinete papal depois do jantar ligeiro. Cherne grelhado com feijão verde, cenoura raspada, tudo regado com um pouco de azeite Riserva D'Oro. A última vez que ali estivera era um mero cardeal, com o perdão da má palavra, mas o que é um príncipe ao lado de um imperador? A sensação, agora, era completamente diferente. Passou a mão pela portentosa mesa. Ali assinaria os futuros decretos da *sua* Igreja. Via-a magnificente, condizente com as vestes que envergava, assente em pilares muito fortes, escudada nas suas mãos fortes e sábias. As rédeas eram dele.

Sentou-se na confortável cadeira e saboreou o momento. Lembrou Wojtyla e as décadas em que, ele próprio, o observava sentar-se, pesadamente, naquela mesma cadeira, e decidir dos destinos da Igreja. Ali não era possível esquecer que fora escolhido para o ofício de uma vida, até à morte. Sodano e Somalo observavam-no. Assim tomava posse um novo Papa.

Nesse momento entrou no gabinete um outro elemento. Trajava batina preta e ajoelhou-se, com dificuldade, a saudar Bento com um beijo na mão que ainda não tinha anel. Já muitos haviam beijado a mão dele neste dia, mas nenhum com esta franqueza. Era velho e até a respirar lhe custava.

“Não me recordo de o ter visto alguma vez.” Insinuou Ratzinger, sorrindo. Nada o indisporia neste dia.

“Peço desculpa pela intromissão, Santo Padre. O meu nome é Ambrosiano. Fui confessor do nosso amado Papa João Paulo depois da morte do padre Michalski.” Explicou-se arfante. “Mandam os cânones que Sua Santidade se confesse esta noite, por ser a primeira. Para que inicie um pontificado livre de pecados.” Desfez-se em desculpas. “Não quero dizer que os tenha, Santidade, por favor não me leve a mal. Depois poderá escolher o confessor que lhe aprouver.”

“A companhia de Jesus e as regras rígidas. O cardeal Dezza também confessou o Papa Wojtyla?” perguntou Ratzinger.

“Só nos primeiros anos, Santo Padre. Mas confessou o Papa Montini durante todo o pontificado e o Papa Luciani. Depois o Papa Wojtyla nomeou-o Superior Geral da Companhia, se bem se lembra.”

“Claro, claro. Um grande servidor da Igreja.” Disse contemplando o passado. “E agora o padre Ambrosiano quer-me confessar.”

“São os cânones, Santo Padre.” Repetiu o padre.

“E os cânones são sempre para respeitar. E comigo sê-lo-ão sempre. Cuidarei para que isso aconteça.” Afirmou Ratzinger brandindo o dedo como se estivesse a proferir um discurso.

O padre aproveitou para retirar um colar que trazia ao pescoço. A ele encontrava-se presa uma chave que utilizou para destrancar uma das gavetas da

secretária. Dentro havia uma capa de couro com fechadura e um envelope com as armas pontifícias do antecessor. Retirou tudo da gaveta e colocou em cima da mesa, em frente a Bento.

“O Papa João Paulo deu-me instruções específicas para que sua santidade leia, com atenção, o conteúdo deste dossiê ainda hoje. Todas as informações estão contidas neste envelope que deixou, especificamente, para si.” Explicou entregando-lhe o envelope lacrado. “Mais ninguém pode ler.”

Bento fitou o padre e os cardeais e o envelope. “Respeite-se a sua vontade.” Proferiu por fim.

Olhou os dois homens como a pedir que se retirassem e estes cumpriram o desejo sem delongas. Vontade de Papa era ordem.

“Deixá-lo-ei ler à vontade, Santo Padre.” Disse o padre Jesuíta recuando. “Quando estiver pronto é só chamar.”

Bento fechou os olhos e inclinou-se para trás. Milhares de pensamentos afluíram-lhe à mente. Iria compartilhar um segredo partilhado apenas por Papas. Que extraordinária forma de começar o seu mandato. Alguns minutos depois quebrou o lacre do envelope que o polaco deixara. O papel cheirava a mofo.

*Prezado Eleito,*

*Congratulo-me com a tua eleição. A história prossegue o seu caminho glorioso, dois mil anos depois. Acabas de ocupar o cargo mais exigente do planeta. Prepara-te, pois será um caminho agreste e ingrato e, o pior de tudo, começa já.*

*Dentro da capa que te foi apresentada encontrarás informações lidas por muito poucos. Informações cruciais acerca da nossa Igreja. Não debes... não podes deixar de*

*as ler e instruir os teus secretários a apresentá-las ao teu sucessor na noite da próxima eleição.*

*O ritual começou com Leão X e conheceu novos desenvolvimentos com Pio IX e João XXIII. Jamais deixou de ser cumprido, NEM PODE DEIXAR DE O SER.*

*Infelizmente, em breve compreenderás a razão.*

*Deixo-te nas boas graças do Bom Deus. Que te ilumine e te dê forças para carregares o enorme fardo que subsistirá no final destas páginas. Da tua força depende o futuro da nossa Igreja.*

*João Paulo II P.P.*

*29 de Outubro de 1978*

Uma curiosidade mórbida conquistou Bento após a leitura da missiva Lolek escrevera há quase vinte e sete anos. Que informações tão devastadoras estariam dentro do dossiê?

O envelope guardava a pequena chave dourada que o abria. Tratou de o destrancar sem demoras e dedicou-se, afincadamente, à leitura das, cerca de, 100 páginas. Não havia imaginado uma primeira noite assim, a seguir instruções do antecessor. E cedo se notou, pelo esgar dos olhos mortiços que não estava preparado para o que lia. Algumas passagens foram relidas para se certificar que as lera correctamente, noutras acelerou o mais possível como que a fugir de algo inoportuno ou inconveniente.

Terminou a leitura depois da meia-noite. Estafado, voltou a trancar o dossiê com a chave e a guardá-lo na gaveta. Gotas de suor colavam-se à testa. As mãos tremiam.

Deixou cair a cabeça na mesa e ficou assim até ganhar algum controle sobre o corpo. Aos poucos acalmou. Quando se levantou, a custo, parecia mais velho e acabado.

“Deus nos valha.” Desabafou fazendo o sinal da cruz.

Nesse momento o padre Ambrosiano reentrou no gabinete papal. Parecia-lhe diferente. Uma dor que lhe vergastava a alma, a mesma que o castigava a ele. Um silêncio contido de algo demasiado grande para calar. O Jesuíta sabia. Desta vez o Jesuíta não se abaixou a beijar a mão do Papa. Ratzinger acercou-se, humildemente, dele e deixou-se cair aos seus pés. Soltou um lamento entrecortado pelas lágrimas que caíam em torrente.

“Perdoe-me, padre. Eu pequei.” Implorou o Papa, fechando os olhos.

Ambrosiano passou a mão bondosa pelo cabelo do Papa com uma carícia. “Eu sei, meu filho... Eu sei.”